46
19554 18

# SAUDADE

Deposta na Campa do Conselheiro

# AUGUSTO C. BARJONA DE FREITAS

Por

A. F. B.

EVORA
EMPREZA TYPOGRAPHICA EBORENSE
Rua do Paço, 43, 45 — Alcarcova de Baixo, 44 45
1900

HG
19554 18
COMPRA
R. 173786

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Tal como ao dia se succede a noite,
Contraste singular de luz e sombras
E' dos homens a vida 'neste mundo!
Desde o levante ao ponente della,
Ou desde o nascimento até á morte
E' dia claro, a que succedem trevas
Da morte escura, da sombria noite,
Até que rompa a aurora a novo dia,
A novo nascimento, a novo occaso;
E assim, perpetuamente se repetem
Dias e noites, nascimentos, mortes,
Na duração dos tempos infinitos.

O nascer e morrer, se bem que oppostos
Pareçam indicar effeitos varios
'Nessa apparencia de contrarias causas,
De principio e de fim de uma existencia,
Outra cousa não são mais que synonymos,
Que a mesma ideia de começo exprimem.

O nascimento dá principio á vida
Palpavel, sensitiva, á flor da terra,
Entre seres eguaes da mesma especie,
Homens, se homens são, se o raciocinio
Seus actos mede, seu talento applica
Da humanidade 'num commum proveito,
Ou irracionaes, se só instinctos
Guiam seus passos, seus desejos pautam.

A morte dá principio a vida nova,
Vida inexplicavel de repouso,
De apparente socego e paz tranquilla,
Sem haver ambições, sem ter invejas,
Combates de paixões, profundas dores,
Vida sem vida, ou talvez com ella!
Insondavel mysterio alem da campa!...

A vida e morte, de corrente electrica
São apenas scissão de alguns instantes,
Que novas vidas dão a novos seres.

Como dois polos de uma pilha ingente
Contrarias forças indicar costumam,
Sendo uma apenas, se reatados forem,
O nascer e morrer são dois rheophoros
Da pilha collossal, alma do mundo,
Da continua successão da vil materia,

Da eterna duração do ser humano
Na faisca immortal, que a Deus o eguala !

Não morre, pois, o homem, eternisa-se
De todos na memoria e nas paginas
Da historia universal de qualquer povo;
Vincúla o nome seu a seus trabalhos,
Como se em bronze se fundira em estatua
De aos evos arrostar, como as Pyramides
Erguidas nos desertos do Egypto
Millenas de annos durarão ainda
Sobre outras tantas que já têm contado !

Não morre, pois, não morre; perpetua-se
Não só nas obras que fizer grandiosas,
Mas nos filhos que deixar, na descendencia,
Nos fructos da scissão dessa corrente,
Mysteriosa força potentissima,
Que gera a flor mimosa, o igneo raio,
Que compõe e decompõe, sublime essencia
Fonte de vidas, e de mortes causa !

Barjona não morreu ; agora vive
A vida incomprehensivel da materia,
Terra sob a terra em que vivera
Vida de glorias de um genial talento,
Quer no fôro, tribuna, ou no conselho,
No Codigo civil, e, mais que tudo,
Na Reforma penal, que tolhe a morte
Ordenada da lei, a qualquer homem,
Quer no culto adoravel da amisade
Que a muitos, muitos partilhar fizera,
Com bondoso coração á dor sensivel !

Desses muitos um sou, foi meu amigo,
Seu amigo fui eu, e sel o-ei sempre,
Com dor pungente, com profunda magoa,
Em quanto o sopro divinal da vida
Meu fragil corpo sustiver erguido ;
E emquanto a lucidez de meu espirito
A' santa adoração me der lembranças
Contra o olvido, contra a acção do tempo,
No altar da gratidão hei de o seu nome
E a sua imagem adorar saudoso.

Espirito gentil ! Talento altissimo !
Astro brilhante que no occaso entraste !
Lá 'nessa estancia onde quer que existas.
Vê que te lembram os que hão de ir ainda,
Vê que te adoram os que cá ficaram,
E acceita-me esta roxa *saudade*,
Extemporanea flor de uma alma triste.

Evora, Julho de 1900.

A. F. B.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

H G 18
1954